

## LER E ESCREVER COMO PROPOSTAS DE ENSINO E A FORMAÇÃO DE PROFESSOR MEDIADOR NA CIDADE DE HUMAITÁ-AMAZONAS<sup>1</sup>

Aricenseide Oliveira da Silva <sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta discussões sobre leitura e escrita em sala de aula da Educação Básica e a mediação de professores de ensino de Língua Portuguesa, essa discussão parte do resultado da aplicação de um projeto de extensão intitulado *Leitura e Escrita: propostas dialógicas em sala de aula*. O projeto teve como objetivo contribuir com a formação de leitores e de escritores na Educação Básica – no Ensino Fundamental II, assim como proporcionar aos discentes do Curso de Letras, uma formação em práticas de ensino de leitura e de escrita, momentos de elaboração de material didático, planejamento de aulas, e o contato direto com o ensino na aplicação atividades planejadas de leitura e de escrita. A metodologia utilizada foi elaboração e aplicação de oficinas de leitura, rodas de leituras, minicursos sobre leitura e escrita, a leitura de textos para formação de professores de Língua Portuguesa voltada para o desenvolvimento de propostas de atividades de leitura e de escrita. O projeto atendeu 19 discentes do Curso de Letras e 120 alunos do Ensino Fundamental dos 7º e 8º Anos de uma escola pública de Humaitá-Amazonas.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Gêneros Textuais. Formação de Professor.

### INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita nos permitem transcender, ultrapassar os limites da realidade e viajar no mundo fantástico da criatividade. Pois, tanto o ato de ler quanto o ato de escrever são momentos sublimes em nossas vidas, pois ler e escrever transcender o ato de decodificar, transcrever palavras, frases, textos. A leitura nos conduz ao mais profundo do ser humano, pois ativa os sentidos, nos tira de um espaço físico e nos conduz ao espaço imaginário e nos faz criar lugares que nunca existiram no mapa, mas que foram imaginados pelo escritor e materializados pelo mundo fantástico do leitor. Enquanto que, o ato de escrever nos dá o poder de realizar sonhos, tornarmos poderosos com o poder que as palavras possuem, ou com o poder que damos as palavras e assim, poder materializar as nossas fantasias. É nesse momento, que soltamos a imaginação e realizamos nossos desejos que muitas vezes nem o dinheiro pode realizar. É brincando com as palavras que transformamos cada letrinha no mais mágico e poderoso dos brinquedos, as letras tornam-se nosso carrossel, nossa ciranda, nosso material de construir o imaginário, o impossível ao poder humano, nosso material na fábrica de brinquedos e, a nossa imaginação é o instrumento mais poderoso que produz esses brinquedos. A palavra como material, damos-lhes cores, formas e os sentidos que quisermos, assim como fizeram os autores consagrados da literatura. Quase todos começaram se divertindo com as letras, criando laços de

---

<sup>1</sup> Artigo que apresenta o resultado do Projeto de Extensão: Leitura e Escrita: propostas dialógicas em sala de aula, na Universidade Federal do Amazonas, Campus Vale do Rio Madeira, Humaitá-AM.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, [aricenseide@gmail.com](mailto:aricenseide@gmail.com);

amizade, intimidade até transformá-las em palavras, frases, períodos, poemas, textos interessantes que envolvem o leitor, que instigam, que provocam, que desafiam o imaginário do leitor, assim como fazia Machado de Assis ao evocar o leitor para se posicionar diante de uma determinada situação no enredo de suas histórias.

Para desenvolver o projeto foi importante pensar em determinados conceitos, nesse caso, o conceito de leitura e de texto. Essas duas concepções foram fundamentais para nortear o desenvolvimento do projeto. E, um terceiro foco também foi significativo para pensar a estrutura do projeto: quem são os sujeitos que quero atender? De um lado, os graduandos do Curso de Letras da Universidade Federal do Amazonas, e do outro lado, os discentes da Educação Básica, em especial, alunos dos 7º e 8º Anos do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Humaitá-Amazonas.

Portanto, a finalidade do projeto **Leitura e Escrita**: propostas dialógicas em sala de aula foi proporcionar aos educandos das turmas dos 7º e 8º Anos, da Escola Estadual Duque de Caxias, em Humaitá-AM, a oportunidade do deleite da leitura e da escritura de forma dinâmica e prazerosa. Conforme o objetivo geral que foi proporcionar aos estudantes da Educação Básica o contato direto com a leitura e a escritura de forma dinâmica, como também inserir os graduandos do Curso de Letras o contato direto com a realidade de sala de aula. Partindo de o objetivo mais amplo, construiu-se os objetivos específicos em dois grupos, um para os discentes da Educação Básica e o outro, para os discentes da graduação em Letras. Dessa forma, estruturou-se os objetivos específicos para os estudantes dos 7º e 8º Anos: Ler textos dos mais diversos gêneros textuais; Compreender textos de diversos gêneros textuais; Escrever textos de gêneros textuais diversos; Reconhecer as características de textos dos mais diversos gêneros textuais; do outro lado, para os graduandos do Curso de Letras: Preparar Oficinas de leitura; Elaborar oficinas de escrita; Participar dos estudos de formação semanalmente; Aplicar as oficinas sob a orientação e acompanhamento da coordenação. Mediar a produção textual dos alunos em sala de aula.

Ou seja, o que se propôs no projeto foi formar professores com competências para mediar o desenvolvimento da leitura e da escritura em sala de aula do Ensino Fundamental, assim como, contribuir com a formação leitora e escritora dos estudantes do Ensino Fundamental da escola de aplicação do projeto.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada foi a leitura de textos para formação de professores mediadores de leitura e escrita em sala de aula, tendo como formação estudos de textos teóricos bibliográficos, roda de leitura, elaboração e aplicação de oficinas de leitura e escrita, minicursos para os discentes do Curso de Letras sobre leitura e escrita, elaboração de materiais didáticos para o desenvolvimento de habilidades e competência leitora e produtora de texto, aplicação das oficinas em uma escola estadual de Humaitá, AM, com alunos dos 7º e 8º Anos do Ensino Fundamental.

## **A LEITURA E A ESCRITA COMO BÚSSOLA PARA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Antes de iniciar a discussão propriamente dita sobre a proposta e desenvolvimento do projeto aplicado na escola, faz-se necessário compreender as concepções de leitura e de texto que foram tomados para projeto desenvolvido. Ou seja, iniciamos por pensar os conceitos que queríamos para aquele trabalho, pois são muitos os conceitos de leitura e de texto, e estes foram fundamentais para nortear o desenvolvimento do projeto. E uma terceira pergunta também foi significativa para pensar a estrutura do projeto: quem são os sujeitos que queremos atender? Quando estamos envolvidos no contexto escolar e no curso de formação de professores precisamos refletir sobre a sociedade na qual esses sujeitos estão inseridos, o que é significativo para esse público, e como atender suas necessidades sociais e pessoais desses sujeitos.

Portanto, o conceito de leitura e texto a ser aplicado nas oficinas precisava atender esses dois públicos, alunos do Ensino Fundamental e os discentes do Curso de Letras Português/Inglês.

Partimos da concepção de leitura como ato interativo, significativo, pois ler é um ato, uma ação que exige compreensão, que faz sentido para o leitor, que proporciona diálogo entre quem lê e quem escreve. Ler é como uma ponte que liga e interliga, ou seja, a leitura mantém essa relação do leitor com o texto e como o mundo, o texto precisa significar. Essa é a nossa maneira de pensar a leitura e o texto, tanto para atender as necessidades dos discentes do ensino fundamental, quanto para os discentes da graduação, futuros professores da cidade de Humaitá e região. Pois, temos a preocupação com o professor que queremos para orientar nossos adolescentes, para conduzir nossas escolas, para atender as necessidades da sociedade.

Então, para corroborar com nossa forma de ver a leitura, partimos da concepção de apresentada por (SOLÉ, 1998, p. 22), que “a leitura é um processo de interação entre leitor e o texto”. A partir desse posicionamento, a leitura não é apenas um ato de decodificar palavras, mas de dá vida às palavras, ao texto e isso é o que chamamos de processo interativo, o leitor produz, interage com o texto e com o autor, cria hipóteses antes de avançar na leitura, ele estabelece um diálogo constante com as palavras que vão ganhando forma e sentido. E ainda, Isabel Solé (idem, p. 27) “a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação”. Logo, pensar a leitura nessa perspectiva, é pensar num sujeito leitor que atua, age com o texto, persegue o sentido do texto, desafia do texto, discorda do autor, a esse leitor que interage o tempo todo a autora chama de “leitor ativo que processa e atribui significado àquilo que está escrito em uma página”. Foi pensando nesse sujeito leitor e nesse conceito de texto que desenvolvemos as propostas do projeto de extensão, pois esse leitor está em todas as escolas independente de suas condições, basta oferecer a ele a oportunidade de conhecer os textos e ter o encontro com a leitura mediada.

Também, os PCNs (1998) abordam que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de textos, a partir de objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem. Sobre esse sujeito leitor ativo, depende do conceito de leitura que tomamos para o ensino, sobre isso (ORLANDI, 2012, p.48-49), aborda que: “do ponto de vista da linguística imanente, se poderia tomar a leitura como decodificação e se proporiam técnicas que derivassem do conhecimento linguístico. Dir-se-ia, então, que o texto tem um sentido e o aluno deveria apreender esse sentido”. Portanto, não foi essa a nossa abordagem no projeto, para nosso trabalho partimos da relação que o sujeito pode tecer uma relação de diálogo com o texto, de sua relação com o conhecimento linguístico, mas também com o conhecimento que o aluno traz de suas vivências, de sua relação com o espaço onde vive, de seu olhar sobre o mundo em que vive. Nesse sentido, Orlandi (idem) aponta esse conceito de leitura como sendo “reducionista”<sup>3</sup>. Mas, o conceito de leitura que autora toma e, que também nos interessa é “a visão oposta a esta forma de reducionismo não vê a leitura do texto apenas a decodificação, a apreensão de um sentido (informação) que já está dado nele. Não encara o texto apenas como produto, mas procura observar o processo de sua produção e, logo, da sua significação”. Com essa forma de ver a leitura, o texto ganha outro sentido, e o leitor é aquele que faz significar a sua leitura, é um sujeito

---

<sup>3</sup> Na perspectiva da análise de discurso, que é a que estou assumindo em relação à leitura, esta seria uma outra forma de reducionismo: reducionismo linguístico. (ORLANDI, 2012, 49).

que ativa seu pensamento, sentimento e conhecimento de mundo, é um sujeito que busca e compartilha conhecimento, é esse sujeito que a sociedade precisa ter. Não importa onde ele, esse sujeito se encontra, se está no centro ou na periferia, ele é um cidadão que pode exercer sua cidadania e, esse é o compromisso social da escola, formar cidadãos capazes de exercer sua cidadania.

E, pensamos sobre a escrita a partir da concepção que se tem de língua e sujeito, ambos são natureza social. Pensamos a escrita a partir do ato de comunicar, da ação de socializar o conhecimento, do compartilhar a arte, do atender às perspectivas sociais, e para isso, o texto tem como função significar. O texto tem sua funcionalidade no meio social e, o adolescente tem muito a dizer, o olhar do adolescente sobre o mundo é o diferencial na arte do viver e do ver a vida. Mas o que dizem os teóricos sobre a escrita? Sobre escrever textos? Essa é a discussão que segue.

Partimos das discussões de Koch (2003, p. 16), que segundo a autora “o próprio conceito de texto depende das concepções de língua e sujeito”. A autora apresenta três concepções para texto e sujeito, a partir das concepções de língua<sup>4</sup>. Mas, a que nós tomamos de forma mais significativa para nosso projeto foi a terceira concepção que dialoga com necessidade social dos sujeitos selecionados para o projeto. Nessa concepção apresentada por Koch (2003), a língua tem uma concepção interacional, dialógica e os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, dessa forma, o texto passa a ser considerado o lugar de interação, e os interlocutores, como sujeitos ativos. Esses interlocutores são os leitores e produtores do texto e da leitura, dentro de um processo dialógico. Aí entra o papel da escola na pessoa do professor em proporcionar a esse sujeito esse encontro entre aluno, texto e leitura. Sobre esse profissional mediador, Rego (*apud* BEZERRA, 2010, p. 41) diz que:

O papel do outro na construção do conhecimento (para o indivíduo se apropriar do patrimônio material e simbólico que a humanidade construiu ao longo da história, é preciso a mediação de indivíduos mais experientes; assim, o processo externo concretizado nas atividades entre as pessoas se transforma em processo intrapsicológico, onde a atividade é reconstruída internamente. Portanto, construir conhecimento implica uma ação compartilhada).

---

<sup>4</sup> Na concepção de língua como representação do pensamento e de sujeito como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer, o texto é visto como um produto – lógico do pensamento (representação mental) do autor, nada mais cabendo ao leitor/ouvinte senão “captar”, essa representação mental, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor, exercendo, pois, um papel essencialmente passivo. Na concepção de língua como código – portanto, como mero *instrumento* de comunicação – e de sujeito como (pre)determinado, pelo sistema, o texto é visto como simples produto de codificação de um emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte, bastando a este, para, o explícito. Também nessa concepção o papel do decodificador é essencialmente passivo. Na concepção interacional (dialógica), da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* de interação, e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos, (KOCH, 2003, 16-17).

O papel do professor como mediador de conhecimento entre os indivíduos, requer dele uma experiência maior para que se possa construir uma ação compartilhada. E, no processo de ensinar a ler e a escrever, o professor precisa saber compartilhar suas experiências de leitura por meio da elaboração das atividades, escolha do material a ser usado em sala de aula, e também saiba dá uma certa valoração para leitura e escrita do aluno. Sobre a questão da valoração das atividades desenvolvidas pelo aluno, discutiremos mais adiante.

Portanto, a leitura e a escrita de textos verbais e não verbais devem ser tomadas como bússola que norteia o conhecimento, o saber. A bússola direciona, não deixa ficar à deriva, orienta o comandante do barco, determina as direções do mestre, nesse caso, o professor. E, essas duas tecnologias tão antigas e tão atuais não podem ser colocadas em segundo plano em sala de aula, pois elas deveriam ser o centro do ensino de língua na escola. Tomamos aqui ler e escrever no sentido de interpretar, comunicar, interagir, tanto do ponto de vista de leitor como de escritor.

## **O TEXTO COMO ATOS DE MATERIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO EM SALA DE AULA**

Na prática da escrita e da leitura em sala de aula, cabe ao educador favorecer ao educando o “domínio dos gêneros textuais que fazem parte de suas vivências e também daqueles gêneros que se distanciam de sua realidade social, mas que não devem ser ignorados pelos professores, pois formar leitor e escritor é permitir a esse sujeito exercer sua cidadania. Para isso, é preciso instrumentalizá-los com agentes produtores de textos e leitores interativos, possibilitando-lhes uma melhor relação com os textos, ao compreender como utilizar um texto que pertence a determinado gênero, pressupõe-se que esses agentes poderão agir com a linguagem de forma mais eficaz, mesmo diante de textos pertencentes a gêneros até então desconhecidos para eles.

Pensar a leitura e a escrita como processo de materialização do conhecimento que o sujeito traz para sala de aula, ou mesmo que se adquire em sala de aula, é pensar que a sala de aula é um espaço de prazer, onde se promove o encontro entre o sujeito e o conhecimento. Sala de aula é um lugar de se estabelecer relações entre o humano, o cognitivo e o prazer, é isso, o sujeito precisa entender que a escola é o espaço próprio para se construir e materializar conhecimento de forma dinâmica, porque o conhecimento é dinâmico, não existe uma única forma de se adquirir conhecimento e de se produzir conhecimento, a escola é um lugar sério porque precisamos obedecer certas regras, cumprir as metas que forem estabelecidas e o sujeito precisa ter resultado. Mas então, como se chegar aos resultados da leitura e da escrita? Quais as etapas? Como se faz

isso na sala de aula? Como envolver esses alunos nesse processo? Para esses questionamentos encontramos algumas respostas a partir do breve resultado do projeto aplicado e de alguns teóricos que contribuíram para realização do projeto e da formação dos professores formadores de novos leitores.

O ensino de leitura e escrita materializados nos gêneros textuais por meio da funcionalidade da linguagem, deve contemplar o contexto no qual os alunos estão inseridos, para que desenvolvam as habilidades e competências tanto para ler como para produzir textos de forma significativa, mas não só isso, deve transcender esse espaço social do aluno, deve chegar a outros espaços que não o dele, o aluno precisa saber o que as outras camadas sociais leem, escrevem, o aluno precisa transitar esses espaços pelo menos por meio da leitura. Para corroborar, Pietri (2007, p. 12):

Pensar no ensino de leitura na escola, então, significa pensar nas relações sociais envolvidas com a possibilidade de acesso à escrita, que se mostra muito mais complexa quando pensamos que nossa sociedade não se divide em comunidades letradas, e comunidades não-letradas, mas se constitui de grupos sociais com diversos níveis de letramento, em razão da quantidade e das características do material escrito disponível, e das funções que a escrita possui nas práticas cotidianas, desse modo, não é possível pensar em *escola* e *leitura* no singular, mas em *escolas* e em *leituras*, pois é necessário considerar as diferentes relações entre a instituição escolar e a comunidade em que ela se encontra, e os grupos sociais que a constituem, estabelece com a escrita.(Grifo do autor).

Partindo dessa perspectiva, a escola deve atender às necessidades de leitura e escrita dos grupos sociais que seus alunos frequentam, ou melhor, dos grupos sociais nos quais os alunos estão inseridos, mas não apenas os de seu meio social, como também conhecer outros gêneros, que na diversidade material escrito que circulam na sociedade, que corresponde a gêneros textuais com suas especificidades linguísticas, pois esse material escrito, para atender sua funcionalidade, cada gênero textual possui características próprias que faz com que um gênero seja um e não outro, isto é, o que faz a carta pertencer ao gênero textual carta é a sua característica discursiva que a difere de um *e-mail*, de um poema, de um conto, de um convite, por exemplo. Para Bakhtin (2007, p. 279):

A riqueza dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Dessa forma, é fundamental pensar o ensino da leitura e escrita de forma que os alunos da escola pública, tenham conhecimento da diversidade de gêneros de material escrito para que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

se adquira conhecimento das funções diferentes em cada situação de comunicação, para que tenham as mesmas oportunidades que os cidadãos provenientes da classe social da sociedade letrada têm acesso, e sabemos que na escola pública, em sua maioria, o acesso à leitura e à escrita se dá unicamente através do livro didático e, este não contempla as formas de escrita de todos os grupos sociais letrados. Segundo Marcuschi ((2010, p. 34) “ tendo em vista que todos os textos se manifestam sempre num ou noutro gênero textual, um maior conhecimento do funcionamento dos gêneros textuais é importante tanto para produção como para a compreensão”. Para isso torne real, cabe ao professor de língua portuguesa diversificar a sua prática e levar outros textos que não foram contemplados no material didático. Sobre essa diversificação de material em sala de aula para leitura e escritura, Bezerra (2010, p.40) aborda que:

O estudo de gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso, as aulas podem deixar de ter um caráter dogmático/ou fossilizado, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação e o aluno poderá construir seu conhecimento na interação com o objeto de estudo, mediado por parceiros mais experientes.

Mais uma vez tomamos aqui as palavras de Pietri que discorre sobre a mediação do professor, como sujeito mais experiente, que domina esse conhecimento:

A mediação do professor é fundamental, portanto, para formar o leitor proficiente. Isso significa que para o leitor ainda em formação, é preciso que os objetivos da leitura sejam estabelecidos pelo professor, o que implica em primeiro lugar, na escolha adequada dos textos a serem lidos em sala de aula (PIETRI, 2007, p.53).

São muitos os motivos para proporcionar a leitura e a escrita em sala de aula por isso não se pode permitir que os obstáculos impeçam de se plantar a sementinha da leitura, principalmente nesse mundo das tecnologias. Como também não se pode deixar de acreditar no conhecimento que o aluno traz de suas vivências de mundo, de sua experiência em sala de aula em outras disciplinas, mas que todo esse conhecimento deve ser estruturado, organizado, materializado em forma de produção textual, o aluno precisa materializar o conhecimento que conduz, que adquiriu e que adquire todos os dias, ou seja, ele deve participar da cultura escrita. Sobre essa participação na cultura escrita e seus benefícios diz Brito (2004, p.50) que:

Quando maior a participação do sujeito na cultura escrita, maiores serão, entre outras coisas, a frequência de utilização de textos escritos, de realização de leitura autônoma, de interação com discursos menos contextualizados e mais auto-referidos, a convivência com domínios de raciocínio abstrato, a produção de textos para registros, comunicação ou planejamento. Em resumo, maiores

serão a capacidade e as oportunidades do sujeito de realizar tarefas que exijam um controle, inferências diversas e ajustes constantes. Por isso, pode-se dizer que participar da sociedade escrita implica conhecer e poder utilizar os objetos e discurso da cultura escrita, o que implica deter a informação, saber manipulá-la e inseri-las em universos referenciais específicos.

Por isso, a formação de mediadores e formadores de leitores e escritores é de suma importância para formar cidadãos capazes de manipular a informações contidas nos textos. E a sociedade precisa, pois desses novos professores irão assumir o espaço escolar, ele, os mediadores precisam sentir-se seguros na atuação dessa função e também precisam aprender a gostar de ler e escrever para socializar com os alunos o seu gosto pela escrita e leitura, ou seja, os professores também precisam gostar de escrever.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto foi pensado com o intuito de promover a valoração da leitura e a escrita em sala de aula, isso porque em projetos anteriores, aplicados nessa mesma escola, constatou-se que a leitura ainda era algo que acontecia seguindo a leitura de alguns textos do livro didático, mas a escrita era algo ausente desse espaço escolar. A única forma de escrita era por meio das respostas dadas às questões do livro didático, não existia a aula para se produzir textos, faltava esse momento para o aluno expor suas ideias, seu conhecimento, seu imaginário, o momento da criação, da criatividade, o espaço privilegiado da escrita. Por esse motivo pensou-se também no professor em formação, nesse caso, os alunos do curso de letras, para que diferentemente do profissional que está atuando em sala de aula, esse futuro professor adquira competências e habilidades para pensarem no ensino de língua a partir da leitura e da escrita, essas duas ferramentas sociais devem potencializar o cidadão, letrar esse sujeito para exercer sua cidadania.

Portanto, dos alunos atendidos na escola, tanto das duas turmas de 7º Anos, quanto das duas turmas dos 8º Anos, constatou-se um crescimento no desempenho dos alunos tanto na produção e refação dos textos quanto nas questões de interpretação e compreensão, na interação com a leitura, isso desde o primeiro dia de aplicação do projeto que aconteceu dia entre o dia 02 de abril até o dia 26 de junho de 2019.

Algumas falas dos alunos das turmas dos sétimos e oitavos anos, falas dos discentes do Curso de Letras, depoimentos das professoras regentes das turmas nas quais o projeto foi aplicado foram muito importantes para essa conclusão. No final do projeto os alunos responderam algumas questões sobre a aplicação do projeto e o resultados do mesmo para eles. As respostas dos alunos

foram transcritas aqui, conforme estão nas respostas manuscritas por eles e anexadas no relatório final do projeto de extensão. Vejamos algumas respostas:

Alunos do 7º ano “1” e 7º ano “2”:

*Achei Top, eu gostei bastante de ler e criar histórias, falar sobre lenda, eu acho que esse grupo de letras vinheçe todo dia eu ia ficar Top.*(Aluno 4 do 7º 1)

*Bom, eu gostei muito deles, eles mem ensinaram muitas coisas, quando eles apareciam as terças-feiras, eu gostava porque eu fazia leituras, etc...* (Aluno 6 do 7º 1)

*Eu achei muito legal, no começo para mim foi um grande desafio, mas depois foi me acostumando. Eu gostei muito, achei muito legal, mas eu gostei muito das fábulas.* (Aluno 9 do 7º 1).

*Sim.Porque nós alunos aprendemos mais a ler e a escrever. E também a perder a vergonha. Eu me interessei mais pela leitura.* (Aluno 10 do 7º 1).

*Porque era muito bom fazer e ler as histórias.* (Aluno 4 do 7º 2)

*Bom, eu gostei muito, até que descobri um dom que não sabia que tinha. Amei demais. Adorei. Agora todos os dias estou lendo um livros e fazendo um texto meu.* (Aluno 5 do 7º 2).

O que foi possível constatar em todos os depoimentos dos alunos dos sétimos anos, foi que esse encontro com a leitura e escrita promoveu um crescimento no desempenho deles em sala de aula, nos resultados da escrita e da leitura, na autoconfiança, na autoestima, afirmam ter perdido a vergonha de fala, de ler, comentar, quase todos usaram a expressão: *gostei muito*. Um deles chegou a falar em sala de aula que todos os dias estava lendo um livro e escrevendo seu próprio texto e, fez questão de expressar isso no relatório e ainda acrescentou: *até descobri um dom que não sabia que tinha*, e enfatiza: *Amei demais. Adorei*. A leitura e a escrita parecem ser novidade na escola para esses alunos, no entanto, isso deveria ser uma prática diária.

Alunos do 8º “1” Ano também se manifestaram de forma positiva sobre o projeto. Usam expressões como: *Esse grupo é muito bom; Me fez ter novas ideias; Eles ensinaram a fazer vários tipos de textos; Desenvolvi bastante na leitura e interpretação de textos*, etc. Velam os discursos na íntegra:

*Ótimo, esse grupo é muito bom, eles nos ensinaram muitos sobre a importância da leitura.* (Aluno 1).

*Esse grupo achei muito legal e incentivou muito para ler livros e crônicas.* (Aluno 2).

*Achei bom porque me ensinaram sobre a importância da leitura. Porque eles me ensinaram a fazer vários tipos de textos, explicaram várias coisas e agora desenvolvi bastante nas leituras e interpretação de textos.* (Aluno 3).

*Bem legal, porque me ajudaram a criar histórias novas e me fez pensar mais sobre algumas coisas. Porque me fez ter novas ideias sobre histórias e ter criatividade.* (Aluno 4)

*Muito legal, porque eu tenho dificuldades para produzir textos, e esse projeto está me ajudando muito.* (Aluno 7).

*Eu gostei muito das atividades, e gostei porque teve aquela “o que faz bem para mim”, eu pude falar (escrever) o que eu gostava e o que me faz bem.* (Aluna 9).

*Sim. Porque eles ensinaram a gente a fazer os textos, a escrever melhor e desenvolver melhor nossos pensamentos.*(Aluno 13).

Esses discursos demonstram que os alunos estão abertos as propostas de leitura e escrita, mas o que falta é uma boa mediação em sala de aula, professores que sabiam proporcionar esse momento de forma prazerosa. Para compreender esses discursos recorro às palavras de Vygotsky (*apud* BRAGA, 2002, p, 187) “na situação de brinquedo a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade. Através da imitação, repetição e desafios enfrentados, ela age como se fosse mais experiente do que é na realidade”. Portanto, ao levar atividades de leitura e escrita precisa que seja de forma dinâmica, desafiadora para envolver o adolescente.

Também isso se repetiu na turma do 8º “2”, vejamos algumas falas:

*Eles ajudaram a melhorar minha leitura. Achei bem legal que nós tinha que produzir nossos próprios textos.*(Aluno 5).

*Eu achei bem interessante a forma em que eles ensinaram a gente aprender mais sobre as crônicas e melhorar muitas coisas.* (Aluno 8).

*Eu gostei muito da atividade desenvolvida na sala porque ajudaram com a produção de texto.* (Aluno 11).

*Eu gostei porque ela desenvolveu uma abertura de leitura em mim.* (Aluno 12)

*Proporcionou uma melhoria tanto na leitura quanto na escrita.* (Aluno 13).

O importante observar nas construção dos discursos desses alunos dos oitavos anos e dos sétimos anos também, é que em nenhuma das respostas dadas não disseram que a leitura era chata ou coisa desse tipo. Mas ressaltaram a importância da escrita, da produção textual, o que mudou na vida deles em tão pouco tempo de aplicação do projeto. Parecia tudo novidade, parecia que estava tendo aquele tipo de atividade pela primeira vez. Eles usam a expressão *eu gostei muito das atividades*, Um outro escreveu: *proporcionou uma melhoria tanto na leitura quanto na escrita*. O aluno 12, disse: *Eu gostei porque ela desenvolveu uma abertura de leitura em mim* Os discursos desses alunos dialogam com o discurso de Lemos (2002, p. 141) ao abordar a importância das pessoas na sua formação leitora:

Falar sobre a formação do gosto pela leitura nas crianças e adolescentes, me remete a lembranças sobre as pessoas que representaram um papel decisivo na minha formação como sujeito leitor. Essas pessoas deixaram suas marcas nos livros dados ou indicados, nas histórias lidas e no contato, quase sempre prazeroso que a leitura me proporcionava.

Por todos esses motivos não podemos deixar oferecer aos futuros profissionais uma formação que preze o gosto por esse tipo de atividade, profissionais que acreditem no potencial que o aluno tem e que levem a leitura, o texto para sala de aula.

Quanto aos discentes da graduação em Letras, foram dezenove participantes do projeto, cada discente recebeu uma numeração de um a dezenove, os mesmos com idade entre 19 e 35 anos. Eles também se manifestaram sobre o resultado do projeto para a sua futura atuação como professores de língua portuguesa. Vejamos algumas dessas manifestações:

*Para as crianças para quem são destinadas as aulas, o projeto pode ser a única oportunidade que elas terão para ler e escrever com profundidade e prazer, sem a presença das regras gramaticais que assassinam a criatividade e o desejo de aprender. Infelizmente no contexto atual da educação, a política de desigualdade e exclusão social, retira a oportunidade de muitas crianças e adolescentes terem uma educação melhor. (Discente 1).*

Esse discente fala de um lugar de ex-aluno do ensino médio que passou toda a Educação Básica sem muito contato com a leitura e escrita. Esse posicionamento foi discutido durante os momentos de formação quando eles diziam que não tiveram a mesma oportunidade de ler da forma em que estavam sendo preparados nas oficinas de formação a levarem o texto para sala de aula, daí surge esse depoimento: *O projeto pode ser a única oportunidade que ela terá para ler e escrever com profundidade e prazer, sem a presença das regras gramaticais que assassinam a criatividade e o desejo de aprender.*

A seguir, o discente 2, aborda que constatou *a falta do hábito de ler na vida escolar desses alunos*. Aqui também o discente relata sobre a timidez dos alunos ao ler no início do projeto, mas que aos poucos foram perdendo a timidez e passaram a interagir e, reforça que a turma se mostrou interessada. Portanto, não podemos dizer que os alunos do Ensino Fundamental não gosta de ler, o que falta é a oportunidade para aprender gostar de ler. Ninguém nasce gostando de uma coisa ou outra, mas ao longo da vida aprendemos a gostar das coisas, principalmente, daquilo que nos são apresentadas com prazer. Veja na íntegra a fala desse discente:

*Demos início a aplicação desse projeto no dia 09/04/2019 com as leituras das fábulas e podemos perceber a falta do hábito de ler na vida escolar desses alunos do 7º “1” da Escola Duque de Caxias. Para chegar ao nosso propósito e respaldar a importância da leitura e da escrita: em sala de aula, fizemos várias leituras com os alunos e algumas atividades trabalhando a escrita. Nesses dias de aplicação tivemos momentos de entrosamento e participação dos alunos, alguns se sentiram tímidos para participarem das aulas mas ao longo de cada aula foram perdendo a timidez e começaram a interagir. A turma se mostrou bastante interessada nos conteúdos explicados e as atividades de leitura e escrita. (Discente 2).*

O discente 7, trata das dificuldades e resistência tanto para ler quanto para escrever, isso constata a pouca intimidade dos alunos com essas atividades em sala de aula, mas com o projeto

essas dificuldades diminuíram e foram aperfeiçoando essas habilidades, disse o discente. Antes de da leitura desse depoimento na íntegra, é possível concluir com as palavras de Guedes (2009, p. 19): “ensinar-lhes a leitura da palavra fica menos penoso para elas que estão aprendendo, se começarmos pela leitura que já fazem do mundo, se lhes proporcionarmos a leitura da palavramundo”. E assim as dificuldades diminuem, veja o discurso como relatado pelo Discente 7:

*Percebi que alguns alunos do 7º “1” ainda tinham muitas dificuldades e resistência tanto na leitura, quanto com a escrita, e com a aplicação do projeto PACE essas situações diminuíram. Foi notado que muitos dos que apresentavam essas dificuldades foram desenvolvendo, através das fábulas, o gosto pela leitura e também começaram a produzir textos, ainda que pequenos e mal estruturados. Após algumas orientações eles foram aperfeiçoando essas habilidades. (Discente 7).*

Uma das tarefas do professor de língua portuguesa é ensinar o aluno a escrever, são passos inicialmente pequenos, um período hoje, outro amanhã, uma reescrita, não importa a extensão do texto, mas o que o texto diz, como ele significa. O discente diz acima que os alunos começaram a escrever textos pequenos, mal estruturados, o que deve ficar claro, não é o tamanho do texto, mas a comunicação, o que o aluno quer comunicar. Parece ser uma tarefa árdua, mas primordial no papel do professor de português. E sobre isso também Guedes (2009, p. 81) discute:

*E aí chegamos a um ponto crucial para a determinação da tarefa do professor de português: ensinar é ensinar a escrever, pois para cada assunto, para cada motivo que impõe a composição de um texto, para cada interlocutor, o escritor vai ter que arriscar a escolha de determinadas estratégias como as mais adequadas.*

Já o discente 16, destaca a metodologia utilizada em sala de aula, trabalhou-se gêneros textuais diferentes como: crônica, contos e fábulas, além disso, discutia-se a temática relacionando com a realidade do aluno para despertar a criticidade. Trata também da dinamização da aplicação das atividades.

*Nas aulas realizadas foram trabalhadas, Crônicas, Contos e Fábulas, onde foram feitas discussões sobre a temática abordada nos textos sempre relacionadas com a realidade deles, com o contexto em que eles estão inseridos e a partir aí, os alunos elaboravam um texto em cima do assunto discutido. No geral, as aulas eram sempre dinâmicas, fazíamos rodas de leitura, levava textos impressos, trabalhávamos com slides, etc. (Discente 16).*

Esse discente 11, destaca o aproveitamento das atividades por parte dos alunos, ou seja, viu-se um resultado a partir das atividades aplicadas. Mas relata a lentidão no processo de aplicação de atividades de leitura e escrita pelos professores.

*As atividades que foram desenvolvidas tiveram bastante aproveitamento pela parte dos alunos. Percebemos a dificuldade dos alunos tanto na leitura quanto na escrita, o processo de leitura e escrita na escola está ocorrendo de maneira muito lenta, os professores estão tendo muitas dificuldades para acelerar esse processo. (Discente 11).*

Já o discente 19, trata da importância dos gêneros literários em sala de aula, dos ensinamentos que eles proporcionam à formação do aluno, e ele diz acreditar na inserção no contexto em sala de aula tanto para ler, escrever e interpretar, como um facilitador do aluno com cidadão crítico e consciente. Sobre gênero textual, Azeredo (2006, p. 18), “gêneros textuais são diferentes formatos que os textos assumem para ser pertinentes e funcionais”. É dessa ótica que o discente trata na aplicação dos gêneros na vida do cidadão, de sua funcionalidade, de sua utilidade, da compreensão dessa função dos gêneros. Acompanhe o discurso do discente:

*A presente PACE trouxe como tema a importância da leitura e da escrita como proposta dialógica em sala de aula para os alunos do 8º Ano, trouxemos como subtema para ser trabalhado conto e crônica. Os ensinamentos disseminados pelo gênero literário são indispensáveis e inigualáveis para a formação do aluno. Assim, acreditamos que a inserção, no contexto de sala de aula, da leitura e da escrita, da análise e da interpretação desse gênero textual, conto e crônica, seja um facilitador para construção do estudante leitor e como cidadão crítico e consciente. (Discente 19).*

Sobre a importância do projeto para formação desses futuros profissionais, um discente do Curso de Letras:

*Durante todo o período que se persistiu o projeto, tivemos vários encontros, encontros esses que nos eram concedidos para elaboração das aulas, de discussões acerca do projeto, e além disso, fizemos uma leitura do texto de Ingedorre Villaça, Argumentar e Escrever. Que foi de grande relevância, pois, o texto fala sobre a linguagem como ferramenta de interação entre pessoas e o projeto que só é aplicado e realizado por meio dessa interação. ( Discente 3). Projetos de extensão coo esse são fundamentais para a qualidade da Educação Básica e da educação superior porque as ações na escola não atingem somente os alunos na escola, afetam profundamente o desempenho do aluno de graduação que utiliza o espaço da sal de aula como experiência para sua própria formação acadêmica, desenvolve também a sua competência textual e se desinibe, criando mais confiança em si e segurança no ato de ensinar. (Discente 2).*

Essa formação de como realizar atividades em sala de aula como apresenta os discursos dos discentes acima, nem sempre são contempladas nas aulas do Curso de Letras, mas projetos de extensão, pesquisa e programas de iniciação à docência, como é o caso do PIBID, ajudam a formar professores com mais segurança porque além de produzirem o material de aplicação de oficinas de leitura e escrita, promovem o encontro do discente com a realidade de sala de aula.

Depoimentos das duas professoras que cederam a sala de aula para aplicação do projeto, as mesmas são identificadas como professora 1 e 2.

Sobre a questão: A senhora sente que o projeto auxiliou em algum aspecto na leitura e escrita dos alunos? A professora 1, respondeu: *Sim, pois eles puderam produzir mais textos durante a semana.* Esse discurso sugere que os alunos passaram a produzir textos, coisa que talvez não fosse tão corriqueira para eles e, se passaram a produzir textos foi porque gostaram, aprenderam a materializar seus conhecimentos, porque já tinham uma bússula para os guiarem na construção de novos textos.

A professora 2, respondeu: *Sim, pois eles se mostraram interessados na hora da leitura. E na hora da atividade todos conseguiram realizar (cada um a seu modo).* O que fica evidente nesse discurso, é que antes os alunos apresentavam mais dificuldades para realizarem as atividades e talvez até não conseguissem, agora já estão realizando as tarefas conforme o discurso da professora.

Esses depoimentos das duas professoras sobre o resultados da aplicação do projeto e o comportamento dos alunos após as oficinas de leitura e escrita, remete-nos ao discurso de Guedes (2009, p. 83):

Manter em discussão todos os textos já lidos, trazê-los de volta à discussão, estabelecer relações, sempre que oportuno, entre o texto que acabou de ser lido e os que já foram comentados. O professor acabará desenvolvendo essa habilidade pela prática constante do trabalho de dirigir leitura e comentários de textos em sala de aula.

Pois, foi partindo dessa prática de retomar textos, propor diálogos, interações entre texto e aluno, entre aluno e aluno, aluno-professor mediador, que os alunos das turmas de 7º e 8º anos passaram a participar das discussões, perceberam que seus conhecimentos eram preciosos e ganharam confiança e habilidades para resolverem as atividades que eram promovidas pelos professores regentes, coisa que não aconteciam antes da aplicação do projeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura deveria ser levada para sala de aula como um presente, uma novidade, uma proposta de descoberta, de desafio para o aluno, o aluno gosta de desafio, gosta de ser provocado. E quando o professor prepara suas aulas, ele pode criar esse desafio porque já conhece os pontos que deseja desafiar os alunos, não precisa ser nada diferente do que estabelecer metas, apontar caminhos, dá as primeiras pistas, instigar a curiosidade e o desejo de busca, é esse o papel do professor como sujeito mais experiente, mostrar para o aluno que por trás das palavras no papel existe sentido, significados, isso é importante para a vida do cidadão – ele precisa entender que os textos que circulam no meio social não são neutros, mas carregados de significação, que os alunos precisam aprender a lê-los.

A escrita também deveria ser aquilo que se propõe no poema de José Paulo Paes, *Convite*. Nesse poema se convidada a brincar com as palavras como se brinca com bola, papagaio e pião. Esse deveria o convite que o professor de língua portuguesa deveria fazer a seus alunos diariamente, propor brincadeiras diferentes com as palavras, mas brincadeira sérias, compromissadas, com regras como se faz com jogos e que toda criança ou adolescente gosta de brincar. Em algumas respostas dos alunos, eles afirmam que as aulas eram divertidas, que eles gostavam das atividades, e é isso que falta aos professores e alunos nas escolas, eles precisam tirar o peso de um trabalho mecânico e doloroso, para tornar o dia a dia tanto do professor quanto do aluno, um trabalho que dá prazer, um trabalho que é gratificante e leve. E a colheita de tudo isso é o crescimento intelectual do aluno, são as produções textuais, o desempenho na leitura diária, alunos mais confiantes e mais habilidosos.

A escola deveria assumir seu papel social e ajudar o aluno a desenvolver competências de leitura e escrita, assim como as habilidades acerca da leitura e da escrita. Portanto, cabe ao professor, mediador experiente, oferecer esse espaço com os mais diversos gêneros e tipos de textos para que o aluno descubra a funcionalidade dos gêneros e atue na sociedade como cidadão competente e responsável pelos seus atos, pelos seus dizeres.

Portanto, foi pensando nos sujeitos discentes da graduação em Letras e nos alunos da Escola Estadual Duque de Caxias, na carência de aprendizados dos dois lados, de um lado, o futuro formador de leitor e, do outro lado, os adolescentes com vontade de aprender e de compartilhar seus saberes, que se realizou esse projeto de formação de professores de língua portuguesa com ênfase na leitura e na escrita, e projeto de formação de leitor como proposta dialógica. Dialógica

nos sentidos de dialogar leitura e escrita para materialização do saber construído em sala de aula, e dialógica no sentido de se estabelecer diálogo entre a universidade e a sociedade escolar.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. O texto: suas formas e seus usos. In: *Estratégias de leitura: texto e ensino*. PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; SANTOS, Leonor Werneck dos. (Orgs.) Lucerna. Rio de Janeiro, 2006.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Martins Fonte, São Paulo, 1997.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora. Ensino de Língua Portuguesa e contextos teóricos-metodológicos. In: *Gêneros textuais e ensino*. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Parábola Editorial. São Paulo, 2010.
- BRAGA, Jane Maria. Brincadeiras e jogos: mediadores de leitura e escrita. In: *Leitura e escrita na formação de professores*. Juiz de Fora. UFJF, 2002.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa - 1ª a 4ª séries*. Brasília. MEC / SEF, 1998. V.2, P.53.).
- BRITO, Luiz Percival Leme. Sociedade de cultura escrita, alfabetismo e participação. In: *Letramento no Brasil*. RIBEIRO, Vera Masagão (Organização). 2ª ed. Global, São Paulo, 2004.
- GUEDES, Paulo Coimbra. *Da redação à produção textual: o ensino da escrita*. Parábola Editorial. São Paulo, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2ª ed. Cortez, São Paulo, 2003.
- LEMO, Taísa Costa Vliese. A mediação do outro na formação do gosto pela leitura. In: *Leitura e escrita na formação de professores*. Juiz de Fora. UFJF, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). Parábola Editorial. São Paulo, 2010.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 9ª edição. Editora Cortez. São Paulo, 2012.
- PIETRI, Émerson de. *Práticas de leitura e elementos para a atuação docente*. Coleção Tópicos em Linguagem. Ed. Lucerna, Rio de Janeiro, 2007.